

FAPCOM – FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

O homem e a tecnologia: Uma paradoxal relação de poder

Aluna: Karina de Carvalho¹

Orientação: Nádia Lebedev²

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a relação que o homem contemporâneo tece com os meios tecnológicos de comunicação. Uma breve descrição sobre o desenvolvimento tecnológico e as conseqüentes mudanças de comportamento do homem. É ponderado, ainda, que essa relação pode oferecer uma possível ilusão de poder sobre um duplo. O poder que o homem supõe possuir ao dominar seu duplo, proporcionado pela técnica, sem perceber que, em sua originalidade, é influenciado, ou determinado pela tecnologia.

Palavras-chave:

Tecnologia. Mídia. Duplo. Ilusão. Poder.

O desenvolvimento tecnológico

O mundo é digital. Assim, provavelmente, percebem os jovens da geração Z. Eles são conhecidos como nativos digitais, ou seja, nasceram na era da *Word Wide Web* e da popularização do acesso aos computadores. Os pesquisadores Ceretta e Froemming explicam essa denominação para os jovens da era digital:

¹ Aluna do 4º semestre de Rádio, TV e internet da Fapcom (Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação).

² Orientadora do artigo. Jornalista, formada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação Social – Interações Midiáticas, da PUC-MG. Atualmente é doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, da PUC-SP, com a tese sobre "O Caráter Oracular da Mídia". Atualmente é professora da FAPCOM no curso de Filosofia.

“[...] a geração é conhecida como “Z”, porque a sua grande nuance é zapear. Zapear é um verbo utilizado para designar o ato de mudar constantemente o canal na televisão, geralmente através de um controle remoto, caracterizando o que a geração tem em comum, o ato de fazer várias coisas ao mesmo tempo [...]” (2011, p. 19)

Pode-se verificar, então, que algumas das características da geração nascida numa sociedade conectada em rede são: a comunicação mediada por aparelhos tecnológicos, o grande fluxo de informações que circula em mídias diversas, a interatividade, a velocidade, o imediatismo, as curtas distâncias. E neste contexto as mudanças são rápidas, constantes e globais.

É, no entanto, o avanço da tecnologia o principal fomentador e responsável pela criação e manutenção de uma cultura digital. O termo tecnologia é cunhado a partir do século XVII, quando Galileu e Descartes lançam as bases da modernidade científica e filosófica. São eles que incitam a fusão de técnica e *logos*, dois termos da antiguidade, até então independentes, e os submetem ao logicismo. Surge, assim, a tecnologia: “[...] o conjunto formado por habilidades humanas, máquinas operatórias e estruturas materiais” (RÜDIGER, 2014, p. 442).

Antes disso existia apenas o termo técnica (do grego *techné*): “Para os antigos gregos a técnica estava muito próxima da *poiesis*, isto é, dos modos de produzir que visam um novo sentido ou uso, como as artes e o discurso (*logos*)” (OLIVEIRA, 2014, p. 439).

Sem esse avanço tecnológico, estaríamos nos primórdios da história, na qual o próprio corpo era o meio de comunicação. Pois, na atual conjuntura, parece que as mídias digitais, no cenário virtual, assumem a primazia em relação ao homem nos seus processos comunicacionais. Mas, não se deve desconsiderar a importância fundamental e indispensável do homem na comunicação.

Afinal, a comunicação começa muito antes dos meios de comunicação de massa, muito antes da imprensa, do rádio e da televisão. Antes mesmo da invenção da escrita. A mídia começa muito antes do jornal, da televisão e do rádio. A primeira mídia, a rigor, é o corpo – e por isso chamamos o corpo, portanto de mídia primária. (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 45).

Sem dúvida, ao lançarmos um olhar panorâmico sobre a história da humanidade, é notável que a evolução tecnológica, a partir do invento da prensa gráfica, de Johann Gutenberg, em 1450 D.C, é veloz. A escrita foi inventada por volta do ano 5000 A.C., e, por milênios, o acesso a livros e, conseqüentemente, à informação e ao saber, ficou limitado a um pequeno grupo da sociedade, de posição econômica abastada. Pois os livros, antes da prensa gráfica,

eram produzidos pelos copistas, que demoravam meses para confeccionar um exemplar. Assim, o custo de um volume era elevado.

Com o surgimento da prensa gráfica, a impressão tanto de livros, quanto de revistas, jornais e séries populares foi facilitada. Em pouco tempo as tiragens começaram a ser grandes, a fim de atender à procura de uma sociedade sedente por saber. Assim, o conhecimento foi sendo melhor acumulado, transmitido e construído.

No início da Idade Média, o problema havia sido a falta de livros, a escassez. No século XVI, foi o oposto. Um escritor italiano queixou-se em 1550 de que havia "tantos livros que não temos nem tempo de ler os títulos". Os volumes eram uma floresta em que os leitores podiam se perder, de acordo com o reformador João Calvino (1509-64). Era um oceano no qual os leitores tinham de navegar, ou uma enchente de material impresso em que era difícil não se afogar. (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 27)

Isso não significa que antes da prensa gráfica não houvesse disseminação de conhecimento, pois a tradição oral, na qual o próprio corpo era o meio de comunicação, por milênios, foi a principal forma de propagação da cultura e saberes dos povos. O que permitiu sua sobrevivência. Em tempos de exaltação das tecnologias de comunicação, vale lembrar a afirmação do pensador alemão: "Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para lá" (BAITELLO, 2014, P. 95 *apud* PROSS, 1972, p. 128).

É possível perceber, ainda, que o desenvolvimento de tecnologias de comunicação é sempre associado a transformações sociais. Os impressos gráficos, por exemplo, não teriam ganhado popularidade, se não fosse o desenvolvimento do sistema de transportes. Os autores Briggs e Burke constataam que a impressão gráfica, para se disseminar, precisou de "condições sociais e culturais favoráveis" (2006, p. 25).

Desde o início deste milênio, entretanto, parece que as transformações tecnológicas, e consequentemente sociais, foram tão grandes e velozes que superaram os 500 anos anteriores. Se os leitores espantaram-se com a quantidade de livros surgidos com a invenção da prensa gráfica, imagine se formos mensurar o volume de informações e dados disponíveis na rede hoje. Talvez, na virada do milênio, não fosse possível prever as mudanças que estavam por vir. Podemos destacar o invento de alguns aparelhos tecnológicos que surgiram com a evolução da rede de internet, como computadores cada vez mais sofisticados, notebooks, tablets, smartphones. Também o sistema de armazenamento de dados em HDs, pendrives e, recentemente, na nuvem. E ainda a localização GPS e a televisão digital.

Tudo isso acarretou mudanças significativas na economia, na sociedade e no comportamento do homem do século XXI. Os meios tecnológicos passaram a ser elementos essenciais na vida pessoal e social. Para Baitello, a grande responsável pelo advento da mídia terciária é a eletricidade, visto que é “mediador de todas as outras possibilidades de geração, transmissão e conservação das mensagens” (2014, p. 112). Logo, pode-se pensar que isso também levou a uma virtualização do mundo e do ser humano, ou melhor, a criação de um mundo paralelo (virtual, ainda que dependente do real). Este é uma projeção da realidade, na qual o ser humano está imerso e tece suas relações, constrói conhecimento e assume novas posturas comportamentais. Essa realidade que engole o homem, porém é programada pelo mesmo, constituída apenas de bits (0 e 1), que compõe o universo digital.

O homem e a tecnologia

Os aparelhos tecnológicos, no cenário atual, não são apenas instrumentos a serviço das pessoas, mas sim parte de sua estrutura e, de certa forma, com um valor simbólico. Não é preciso mais, por exemplo, memorizar informações, pode-se transferi-las para uma memória digital. O ser humano é capaz de estabelecer uma relação de confiança com o seu aparelho tecnológico, apesar deste não possuir consciência, sentimento ou subjetividade. A confiança é pautada na capacidade operacional do aparelho, nas potencialidades que ele possui.

O advento tecnológico possibilitou ao homem habitar um outro mundo, sem sair do lugar. Permitiu que ele pudesse se reinventar, se enxergar em outra realidade, sob a qual ele supõe exercer domínio. Essa experiência é análoga ao mito grego de Narciso. Conforme explica McLuhan, a palavra Narciso advém da palavra grega *narcosis*, que significa entorpecimento: “o que importa neste mito é o fato de que os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios” (1996, p. 59).

Para o filósofo Vilém Flusser o ser humano passou por três grandes catástrofes. A primeira delas chama de “hominização”, na qual o homem desce das copas das árvores e aprende a caminhar ereto, torna-se, assim, um nômade. A segunda denomina “civilização”, na qual fixa-se em um lugar específico, em aldeias e é domesticado e passa a acumular bens. A terceira catástrofe ele não chegou a nominar, pois o homem a estaria vivendo:

[...] a proteção e o aconchego das habitações deixaram de existir, pois nossas casas estão perfuradas por todos os lados, tornaram-se permeáveis ao “furacão da mídia”. Assim, nossas moradias se tornaram inabitáveis (“*unbewohnbar*”), obrigando-nos a perambular, viajar, navegar, surfar – enfim, dar o fora. Só que nos caminhos, vias e estradas delimitados ou então nas ondas do virtual. Convidam-nos a estar lá onde não estamos, em

cenários, paisagens e ambientes distantes e virtuais (BAITELLO JUNIOR *apud* FLUSSER, 2012, p. 27-28).

Seguindo essa evolução das catástrofes, pode-se compreender que o homem está voltando às suas raízes nômades, no desejo de sair, navegar pelo mundo. No entanto, prossegue Baitello em sua reflexão, essa mobilidade virtual é paradoxal, pois o corpo não está em movimento, somente a sua projeção, sua mente.

É possível associar a ideia do que Flusser chama de terceira catástrofe com a realidade atual, onde há um exagero de aparelhos produzidos pela tecnologia, o que proporciona a imersão no universo digital. Não raro encontra-se alguém a dizer que em seu aparelho está contida toda a sua vida. O homem, no entanto, em geral, não entende nada a respeito do funcionamento do aparelho, está interessado somente na sua funcionalidade. O filósofo explica isso ao descrever a relação do fotógrafo com a máquina fotográfica:

As superfícies simbólicas que produz estão, de alguma forma, inscritas previamente (“programadas”, “pré-escritas”) por aqueles que o produziram. As fotografias são realizações de algumas das potencialidades inscritas no aparelho. O número de potencialidades é grande, mas limitado: é a soma de todas as fotografias fotografáveis por este aparelho. [...] O fotógrafo age em prol do esgotamento do programa e em prol da realização do universo fotográfico”. (FLUSSER, 2011, p. 42).

Outra ideia paralela à das três catástrofes são as formas de vinculação do corpo ao espaço e tempo, que passa de sua dimensão tridimensional, para bidimensional, unidimensional e, por fim, nulodimensional, conforme apresenta Baitello (2014, p. 87-89). O corpo tridimensional advém da própria natureza, possui profundidade e dimensão horizontal e vertical, existe enquanto possui vida, somente no tempo presente, é uma mídia primária. A bidimensionalidade do corpo, surge da necessidade de permanecer no espaço e no tempo, deixando marcas, escritos, desenhos, sinais:

Ora, as imagens criadas sobre os mais variados suportes – sobre a pedra, sobre a madeira, sobre a pele – são bidimensionais. São representações planas produzidas pelo corpo, são traduções planas de objetos nos planos (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 88).

A escrita marca a unidimensionalidade do corpo. Este, tridimensional, é definido, muitas vezes, em palavras, ocupa a dimensão linear. E, por fim, o corpo é abstraído de todas as dimensões físicas quando assume a forma nulodimensional, é transformado em ponto, em

fórmula, em programação: “E um ponto não necessita o espaço em nenhuma de suas dimensões. Com isso está criado o corpo destituído de sua corporeidade. Um corpo não corpo, um quiasma” (BAITELO JUNIOR, 2014, p. 89).

Partindo dessas reflexões, podemos compreender que a tecnologia proporcionou ao homem a possibilidade de se reinventar e permanecer ao longo do tempo. O corpo enquanto mídia primária ocupa somente o tempo presente e o espaço real. Porém, a partir do momento em que ele pode deixar um registro, que pode permanecer no tempo e chegar a lugares onde o corpo não poderia ir, garante uma permanência da vida, uma forma de imortalidade. Não fossem os registros que temos de grandes personalidades da história, como as novas gerações saberiam que existiram?

É provável que a tecnologia seja para o homem atual uma esperança de futuro para além de sua vida. Ser humano é ter consciência de sua fragilidade, limitação e mortalidade. Frágeis pois dependemos uns dos outros, limitados pois não conseguimos realizar muitas coisas que desejaríamos, somos condicionados pelas convenções sociais, pelo espaço e pelo tempo, e somos mortais. Este último quesito talvez seja o mais desesperador, pois não sabemos quando será o fim, não temos controle sobre o amanhã, só sabemos que ele chegará. E aqui a tecnologia vem em socorro do ser humano e lhe oferece a possibilidade, ilusória, de extirpar a cruel realidade de sua fragilidade, limitação e mortalidade.

A ilusão de poder: relacionamento entre homem e tecnologia

Na relação do homem com a tecnologia, e aqui refiro-me especificamente às tecnologias de comunicação, parece existir uma possível ilusão de poder. Ou seja, de que o homem domine os aparelhos que possui, pois eles lhe conferem certo poder. A constatação de um paradoxo nessa relação pode ser verificada no pensamento do filósofo Vilém Flusser, ao escrever sobre a câmera fotográfica:

Domina o aparelho, sem no entanto, saber o que se passa no interior da caixa. Pelo domínio do *input* e do *output*, o fotógrafo domina o aparelho, mas pela ignorância dos processos no interior da caixa, é por ele dominado. Tal, amálgama de dominações – funcionário dominando aparelho que o domina – caracteriza o funcionamento de aparelhos. Em outras palavras: funcionários dominam jogos para os quais não podem ser totalmente competentes. (2011, p. 44).

A ignorância ante o funcionamento de um aparelho, segundo Flusser, é uma das chaves para compreender a possível dominação que um aparelho pode exercer sobre o ser humano. No entanto, neste ponto podemos nos questionar se é possível que um aparelho, criado e programado pelo homem, por mais inteligente e cheio de potencialidades que seja, possa exercer domínio sobre ele, dotado de razão e liberdade?

O pensamento de Aristóteles quanto ao termo potência pode trazer pistas para essa reflexão. Para o filósofo, entre as várias significações de potência, duas se sobressaem. A primeira é definida como “o poder que tem uma coisa de produzir mudança em outra” (MORA, 2001, p. 2336), e a segunda é “a potencialidade residente numa coisa de passar a outro estado” (MORA, 2001, p. 2336).

Sobre a primeira definição podemos pensar que a tecnologia, mesmo sendo um objeto inanimado (coisa), é capaz de provocar mudanças no homem, na medida em que oferece vários serviços e atrativos que podem facilitar e entreter a sua vida cotidiana. A relação que o homem estabelece, então, com seu aparelho é mais do que mera utilidade. É uma relação de valor simbólico, o aparelho representa algo para a pessoa, está anexo a ela ininterruptamente, quase como uma extensão de si mesma.

Pode-se lembrar, aqui, o exemplo dos smartphones, uma das mídias que mantém o sujeito conectado nas redes digitais. A partir do momento que a pessoa adquire um aparelho desses, ele forja mudanças em seu comportamento e, logo, novos hábitos. Basta observar as pessoas com seus smartphones dentro de um ônibus, cada uma está voltada para a tela do aparelho, digitando mensagens, deslizando o polegar sobre a tela para rolar informações, jogando, assistindo ou ainda, com fone de ouvido. O que há em comum entre elas é que ocupam o mesmo espaço físico, no entanto, os sentidos da visão, audição e o tato estão totalmente voltados para os seus aparelhos, ou seja, estão desconectados do ambiente real. A mente está vagando pelas ondas do virtual. O que é possibilitado pela pequena janela dos aparelhos.

Talvez, há pouco tempo, quando não existiam esses aparelhos, é provável que as pessoas conversassem ou, ao menos, se olhassem. A fuga da realidade fosse talvez olhar pela janela do ônibus e observar o cenário, ou ainda, refugiar-se na leitura de algum impresso. Certamente, o corpo assumia posturas diferentes e os sentidos estavam mais atentos à realidade circundante.

Na segunda definição nós podemos olhar sob outra perspectiva, ou seja, na potencialidade de decisão que o ser humano possui. Pode parecer inevitável, por exemplo, que uma pessoa não mude seus hábitos ao começar a utilizar um smartphone e estar conectada 24 horas do seu dia. Porém, não podemos esquecer que ela possui condições de decidir sobre seus atos. Pode escolher qual função e em quais momentos esse smartphone será utilizado por ela. E não viver simplesmente entregue às inúmeras funções que o aparelho lhe oferece.

Podemos retomar o pensamento de Flusser ao afirmar que o homem é um funcionário dos aparelhos tecnológicos que produz. Neste texto, o filósofo parece ser bastante pessimista ao definir o homem como servo dos aparelhos. No entanto, ele vê uma brecha nessa relação, que está justamente na capacidade humana de filosofar:

Ainda nos rebelamos (e não nos rendemos como K.) porque ainda somos parcialmente humanos, e ainda temos parcialmente personalidade. Com essas propriedades que ainda temos, ainda conseguimos precariamente transcender a situação na qual fomos lançados. Ainda existimos parcial e precariamente. Dada essa forma de ser que ainda temos, podemos ainda fazer filosofia. E há uma esperança nessa nossa capacidade. Podemos, pela filosofia, superar a autonomia e a automaticidade do progresso e, de fora, talvez influir no seu rumo. Não sei se podemos ainda fazê-lo, mas podemos pelo menos tentá-lo. (FLUSSER, 1967, p. 75-76).

Aristóteles afirma ainda que “as potências são de muitas espécies: umas residem nos seres animados; outras, nos inanimados; umas são racionais; outras, irracionais”. Aqui cabe a questão: um objeto (aparelho) pode exercer poder sobre a razão humana? Não podemos esquecer que é a própria inteligência, a razão humana que conferem “poder” ao aparelho. Pois é o ser humano quem o cria e, ao mesmo tempo, quem o anima, ao manipulá-lo. No entanto, verifica-se que as mídias de comunicação possuem um poder sobre o sujeito, na medida em que o seduz com as inúmeras possibilidades que lhe oferece. Podemos nos perguntar: essas utilidades são realmente essenciais para a vida? Ou são necessidades inventadas?

Talvez elas se imponham como necessidade no contexto pós-moderno. Mas suas funções, que poderiam facilitar a vida das pessoas estão, de certa forma, tomando o lugar delas. Pensemos, por exemplo, no aplicativo de previsão do tempo. Muitos não saem de suas casas sem consultar na janela do seu aparelho a previsão para o dia. Confiam de tal forma no que é apresentado pelo aplicativo, que não lembram que podem abrir a janela da casa e olhar para o céu e também fazer sua interpretação. Mesmo que esta seja sem comprovação científica, sabemos, pelo conhecimento do senso comum, que o céu matinal contém informações válidas

sobre a previsão do tempo, como diz um dito popular: “Névoa na baixa, sol que racha, névoa na serra, chuva que berra”.

O duplo do homem

A psicologia compreende o ser humano como um ser bio-psico-social. Ou seja, ele é um ser biológico, que possui subjetividade, uma gama de elementos internos como os pensamentos e os sentimentos, e necessita relacionar-se com os outros. Logo, cada ser humano é único e original. Essas dimensões humanas, apesar de serem definidas separadamente, compõem a unicidade da pessoa. Mas antes mesmo dessa constatação, filósofos já refletiam sobre essa realidade, como define Rosset, ao abordar sobre o *Crátilo* de Platão:

O que caracteriza *Crátilo*, assim como qualquer coisa no mundo, é, portanto, a sua singularidade, sua unicidade. Esta estrutura fundamental do real, a unicidade, designa ao mesmo tempo o seu valor e a sua finitude: toda coisa tem o privilégio de ser apenas uma, o que a valoriza infinitamente, o inconveniente de ser insubstituível, o que a desvaloriza infinitamente. Por que a morte do único é irremediável: não havia dois como ele: mas, uma vez terminado, não há mais nenhum. Tal é a fragilidade ontológica de toda coisa existente: a unicidade da coisa, que constitui a sua essência e determina o seu valor, possui em contrapartida uma qualidade ontológica desastrosa, nada além de uma participação muito tênue e muito efêmera do ser. (2008, p. 83-84)

A pessoa sendo única e consciente de sua finitude é seduzida a duplicar a sua realidade, pois esta sempre se impõe dura sobre ela. E existem várias formas, que poderíamos chamar de duplicação do real. Algumas advindas de distúrbios psíquicos, outras criadas pela própria imaginação, na qual a pessoa cria mentalmente outra realidade para refugiar-se, a própria negação da realidade, onde a pessoa vê uma coisa e acredita ser outra. Também podemos dizer que a arte é uma forma de duplicação, pois artistas, músicos, filósofos, escritores deixam seu pensamento, sentimento, poesia, gravados em suas obras. Eles são reconhecidos em suas obras.

As tecnologias da comunicação podem, então, exercer poder sobre o ser humano ao virem em socorro do seu desejo por permanência. O que é uma rede social digital, na qual milhões de pessoas do mundo inteiro estão conectadas, se não a duplicação da realidade? Ao falarmos de redes sociais, tema em alta hoje, podemos constatar que elas não são novidades, existem desde que o ser humano existe, dado que este é um ser social, ou seja, não é capaz de viver isolado.

O que a tecnologia proporcionou, particularmente com o desenvolvimento das redes de computadores, foi fazer com que essas redes sociais fossem tecidas também no ambiente digital. As relações presenciais não foram rompidas, aparentemente, mas duplicadas no virtual. Parece ter sido isto que compreendeu o fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, ao perceber que os jovens da universidade gostariam de saber se as garotas estavam solteiras, e como elas não usavam uma placa para informar isso, o único meio de saber era perguntar direta ou indiretamente. Então, ele pensou que no ambiente virtual tais informações poderiam estar disponíveis³.

Um diferencial das redes sociais digitais, no entanto, é que as relações vão sendo tecidas com a interferência do determinismo tecnológico. Ou seja, os algoritmos inteligentes, desenvolvidos pela tecnologia, vão sugerindo ao usuário as “amizades” e páginas que seriam interessantes para ele. E assim, determinam o que ele vê em sua *timeline*. Além de sugerir as postagens, como faz o *Facebook*: “gostaria de compartilhar algo?” ou “no que você está pensando?”, interferindo, assim, sutilmente, na própria liberdade de expressão.

À medida que o homem é duplicado no ambiente virtual, ele adquire um suposto poder para gerir esse segundo, que é uma imagem dele mesmo. Essa realidade virtual possibilita visibilidade, por meio de fotos e vídeos, expressão dos pensamentos, sentimentos, gostos, e relação com outras pessoas “duplicadas” também. Mas esse poder é do primeiro sobre o segundo, ou da tecnologia sobre o primeiro? Sendo o segundo apenas uma forma de atrair e manipular o primeiro, que tem transferido, cada vez mais, sua capacidade cognitiva para a técnica. E, como afirma Flusser, tem se tornado um mero funcionário da técnica.

Considerações Finais

São inegáveis os inúmeros benefícios e facilidades que a tecnologia, em todos seus âmbitos, trouxe para a vida humana. A própria longevidade é prova disso. E quando pensamos nas áreas da comunicação, do desenvolvimento de técnicas que conservam o conhecimento, das possibilidades de transmissão de conteúdo, do acesso à informação, percebemos que esse é um processo irreversível. As crianças nascidas na chamada era digital, por exemplo,

³ *The social network* (A rede social). Filme estadunidense de 2010. Direção: David Fincher.

apreendem a tudo que existe com naturalidade. Provavelmente, para elas, não há diferença alguma entre real e o virtual. A tecnologia passa a ser componente essencial da sociedade humana.

Porém, essa mesma tecnologia, desenvolvida pelo homem, para facilitar sua vida parece, no cenário atual, estar passando a sua frente, a medida que, ao invés de auxiliá-lo, tem substituído suas capacidades de pensar, decidir, reagir. Pensemos nas potencialidades de um aparelho celular. Ele pode substituir a memória, ao armazenar os números de telefones, endereços, datas importantes. Pode influenciar decisões ao apresentar a previsão do tempo, ao chamar-lhe a cada momento em que seus perfis nas redes sociais digitais recebem alguma notificação, ao oferecer-lhe inúmeros aplicativos que, em todo tempo, lembrar-lhe-ão que podem ser úteis para facilitar ou divertir a vida. Quando estamos com um aparelho smartphone, pensemos quantas vezes ele determina nossas opções e atitudes.

O poder que a tecnologia confere ao ser humano pode ser então ilusório. Muitas vezes, é a própria tecnologia que está exercendo poder sobre ele, quando dita comportamentos, influencia diretamente sua capacidade cognitiva e psicológica, modifica as relações sociais. Essa inversão de poder ocorre, principalmente, quando o homem se isenta da capacidade crítica, não reflete sobre seus atos, sobre o uso que faz da tecnologia. E acaba transferindo para os aparelhos suas capacidades de refletir, decidir, relacionar-se com os outros.

A reflexão proposta nesse artigo não quer ser totalmente pessimista. Afinal de contas, são inegáveis os inúmeros benefícios que a tecnologia trouxe para nossa vida e, uma vez experimentados tais benefícios, provavelmente ninguém quer voltar atrás. A proposta é tentar olhar a realidade com olhos críticos. Na relação do homem com a tecnologia há benefícios, mas também há muitos malefícios. Percebo que os benefícios podem ser muito superiores, mas somente quando o homem não se isenta da capacidade de refletir, quando faz com que a tecnologia esteja a seu serviço e não o contrário.

Referências Bibliográficas

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia:** Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma:** Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado:** sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia:** de Gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade:** a literatura e o senso da realidade. São Paulo: Comissão Estadual de Cultura, 1967.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta:** Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro-RJ: Annablume, 2011.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Cultrix, cidade, 1996.

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia:** K,P – tomo III. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo:** Ensaio sobre a ilusão. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

RÜDIGER, Francisco. Tecnologia: In: MARCONDES FILHO, Ciro (ORG.). **Dicionário da comunicação.** 2ª Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2014.